

FGV – ADMINISTRAÇÃO – (19/06/2005)

TEMA

Poucas coisas neste mundo são mais tristes do que um bolo industrializado. Ali no supermercado, diante da embalagem plástica historicamente colorida, suspiro e penso: estamos perdidos. Bolo industrializado é como amor de prostituta, feliz natal de caixa automático, bom dia de (atendente de loja)*. É um anti-bolo.

Não discuto aqui o gosto, a textura, a qualidade ou abundância do recheio de baunilha, chocolate ou qualquer outro sabor. (O capitalismo, quando se mete a fazer alguma coisa, faz muito bem feito). O problema não é o paladar, meu caro, é uma questão de princípios. Acredito que o mercado de fato melhore muitas coisas. Podem privatizar a telefonia, as estradas, as siderúrgicas. Mas não toquem no bolo! Ele não precisa de eficiência. Ele é o exemplo, talvez anacrônico, de um tempo que não é dinheiro. Um tempo íntimo, vagaroso, inútil, em que um momento pode ser vivido no presente, pelo que ele tem ali, e não como meio para, com o objetivo de.

* No original, indicava-se o nome de uma loja de aluguel de filmes.

Antonio Prata. *Guia O Estado de S. Paulo*.
São Paulo: OESP, 22 de abril de 2005, p. 98.

COMENTÁRIO DA PROVA DE REDAÇÃO

A proposta da FGV – junho de 2005 apresentou um texto subjetivo que, por meio de uma crítica ao bolo industrializado, propunha, de maneira pessimista, uma discussão a respeito do tema “*Os Limites do Capitalismo*”. Caberia ao candidato questionar-se sobre o fato de que, atualmente, tudo pode ser transformado num meio de se ganhar dinheiro, inclusive as coisas mais pessoais. Dessa forma, o princípio que norteia o Capitalismo deveria ser considerado e pensado — e não cegamente seguido — como uma regra, um modelo, um dogma da sociedade contemporânea. Seria pertinente que o candidato trouxesse exemplos, fatos que demonstrassem como a realidade tem sido reduzida ao artificialismo da eficiência, da geração de resultados.